



Gabriela Quintalé, 33, com os filhos Constanza, 3, Lavinia, 2, e Martino, de seis meses

Brasil é campeão de cesarianas

No Brasil, é altíssimo o índice de cesarianas: 80% dos partos realizados via planos de saúde são feitos dessa maneira, o que torna o país, nesse setor, o campeão mundial na proporção de cesáreas. No sistema público de saúde nacional, o índice é bem mais baixo: 26%. Mesmo assim, está acima dos 15% recomendados pela OMS (Organização Mundial da Saúde).

No mês passado, a ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar) lançou um documento como par-

te de um movimento em favor do parto normal no qual ressalta que, quando feita sem uma indicação médica precisa, a cesariana aumenta os riscos de complicações e de morte para a mulher e para o recém-nascido. "Não raro, as cesarianas são agendadas antes de a mulher entrar em trabalho de parto, aumentando a chance de o bebê ser retirado do útero ainda prematuro, já que é impreciso o cálculo da idade gestacional feito antes do parto", afirma o texto.

Contato precoce

Das práticas citadas acima, uma unanimidade entre os médicos consultados é a importância da amamentação do bebê na primeira hora de vida. O colostro (primeiro leite da mãe) é rico em anticorpos, que ajudam a proteger o bebê de infecções. "Antes, a paciente olhava, passava a mão, tirava uma foto e a criança ia para o berçário. A família via o bebê antes da mãe. Hoje, a criança vai direto para o peito da mãe, ouve a voz dela, sente sua respiração. Estudos mostram que isso diminui o tempo de permanência no berçário, melhora a drenagem do leite da mama e reduz o índice de cólicas", afirma o obstetra Alberto d'Auria, coordenador da maternidade do Hospital São Luiz. Pesquisas mostram que o hábito ajuda ainda na criação do vínculo afetivo e facilita na recuperação da mulher.

Mãe de Constanza, 3, Lavinia, 2, e Martino, de seis meses, a professora de artes Gabriela de Laquila Quintalé, 33, sentiu a diferença de ficar logo com o bebê. "Nos dois primeiros partos, eles deram aquela mostradinha básica, um beijinho no rosto e acabou. Só fui ver minhas filhas muito tempo depois. Já o Martino pôde mamar logo após nascer. Fiquei um tempão com ele no colo", diz.

Ela conta que, diferentemente do que ocorreu nos outros dois partos, o clima da sala de cirurgia foi leve, o que a ajudou a superar a frustração de não ter conseguido, mais uma vez, ter um parto normal. "Todo mundo ficou do meu lado, me explicou tudo, recebi massagem nas costas antes da anestesia. Não parece que é um açougue e vão te passar a faca. Até a recuperação foi tranquila", conta.

Já Kety Chen, a professora que passou pelo parto descrito no início do texto, diz que o pós-cirúrgico não foi nada fácil. "Tive uma recuperação considerada melhor do que a média e, mesmo assim, foi muito difícil. Não sei como há mulheres que optam por isso sem necessidade."